

UNEMAT Editora

Editor

Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor

Autores

Diagramação

Ricelli Justino dos Reis

Capa

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2014 / Unemat Editora

Impresso no Brasil - 2014

Revista História e Diversidade/Expediente:

Coordenador /Organizador: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 4, nº. 1, (2014) . 274 p.

Modo de acesso:<<http://www.unemat.br/revistas/historiaediversidade/>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural. 1. Unemat Editora. Departamento de História de Cáceres.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil -

78200000

UNEMAT
EDITORA

Fone/Fax 65 3221-0000 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Revista



Resenhas

MORIN, Edgar. O método 4: habitat, vida, costumes, organização. Trad. de Juremir Machado da Silva, 4ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2008 (319 pgs.)

André Wagner Rodrigues¹

[...] insisto em observar que todo o conhecimento filosófico, científico ou poético emerge da vida cultural comum.

Edgar Morin. O método 4. p. 12

ALGUMAS IMPRESSÕES INICIAIS [...]

A presente obra é um presente. De maneira complexa, o autor nos convida a refletir sobre o lugar do pensamento e das idéias no mundo contemporâneo. Como Morin nos alerta logo na apresentação do livro: “O método trata da vida, do espírito, das ideologias, do imaginário, da luta entre escolas diferentes de pensamento e da necessidade de tolerância” (MORIN, 2008, p. 9). Assim, pretende-se tecer junto com o autor, suas principais propostas, idéias, ideologias, etc., em torno do reconhecimento da decadência do paradigma científico, herdeiro do cartesianismo e a abertura de um olhar que possa aprender “a contextualizar e globalizar os conhecimentos” (MORIN, 2008, p. 9), isto é, pensar o pensamento de maneira complexa.

O livro é dividido em três partes ou capítulos. No primeiro, iremos pontuar os principais fundamentos e preocupações do autor em torno do que comumente enuncia - também em outras obras - como “Ecologia das idéias” ou “Sociologia do Conhecimento”. Propõe-se aqui, reconhecer os limites ou problemas do conhecimento, destacadamente os “erros e as cegueiras” que impossibilitam, de certa forma, um tipo de conhecimento abrangente, contextualizado e liberto das “amarras” do cientificismo. No segundo, intitulado: “A vida das idéias”, iremos ressaltar algumas noções e reflexões do autor, referente ao que denomina “noosfera”, o reino dos próprios espíritos, ou simplesmente “sistemas organizados de pensamento”, destacando o que se entende por razão aberta e fechada. E, dessa forma, poder ilustrar alguns postulados, axiomas e paradigmas do mundo Ocidental, que segundo o autor “possuem vida própria” e são ordenadores do conhecimento e da cultura humanas. E, por fim, na terceira parte do livro, intitulado: “A organização das idéias”, pretende-se explorar alguns princípios da

¹ Licenciado em História pela UNESP de Assis, Pós-Graduado em “Fundamentos de uma Educação para o pensar” pela PUC-SP. Mestre em Educação, do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), coordenador do curso de licenciatura em História da UNIBAN/ANHANGUERA da unidade de Campo Limpo – São Paulo.

Teoria da Complexidade, que segundo o autor, “possa unir o que se encontra disjunto, que possa ligar o que está separado”, entre eles: A recursividade; A dialogia; O princípio hologramático e a convivência com o Acaso e a Incerteza. Todas as partes dessa obra são tecidas de uma forma que a leitura de cada capítulo pode ser feita na ordem que o leitor preferir sem atrapalhar-se. Porém cada parte é necessária para a compreensão do todo [...]

Esperamos que esse escriba possa contextualizar e articular à moda da Complexidade, as principais idéias de um livro destacadamente “poderoso” do ponto de vista epistemológico e filosófico. Se iremos dar conta de tamanha responsabilidade? Isso, somente nossos leitores poderão julgar [...] Mãos e pensamentos a obra então [...]

PRIMEIRA PARTE: “A ECOLOGIA DAS IDÉIAS”

Morin inicia esse capítulo evocando as contribuições filosóficas e científicas de pensadores (Bacon, Marx, Mannheim, Adorno, Horkheimer e outros) para tecer argumentos reflexivos sobre as determinações sociais/ culturais/ históricas que se instala na gênese do conhecimento ou “Sociologia do conhecimento” (como Morin o denomina ao longo de sua exposição), isto é, para o autor “todo conhecimento, inclusive o científico, está enraizado, inscrito no e dependente de um contexto [...]” (MORIN, p. 17). Em outras passagens do texto deixa mais claro: “[...] o conhecimento está ligado, por todos os lados, à estrutura da cultura, à organização social, à práxis histórica” (Idem, p. 27). Pode-se pensar, a partir desse reconhecimento, que todas as idéias e sistemas explicativos da realidade, produzidos pela humanidade historicamente sofre de determinações de várias ordens e, por isso, não pode trazer em si a verdade do próprio conhecimento. Mesmo acreditando na verdade sobre o conhecimento que produz, todos os sistemas explicativos são determinados pelas condicionantes sócio-bio-psico-históricas. Sendo assim, Morin entende que para encontrar sua própria verdade é necessário que se coloque o problema metassociológico como autocrítica do conhecimento, isto é, “conceber as condições sociológicas das probabilidades de verdade” (Ibidem, p. 18). Podemos entender como metassociologia, um tipo de conhecimento que esteja aberto para “[...] a emergência da crítica livre, da objetividade, da racionalidade, sem, todavia, considerar isso decisivo quanto à verdade dos conhecimentos nascidos em tais condições” (Ibidem, p. 18). E, considera ainda que a Sociologia do Conhecimento sofre de uma crise generalizada [...] Em suas palavras: “[...] seu determinismo é grosseiro ou débil, suas aptidões verificadoras, insuficientes; ela não dispõe de princípios e de instrumentos cognitivos seguros [...]” (Ibidem, p. 17) Essa constatação é fundamental para entender sua crítica ao cientificismo de modelo cartesiano na última parte do livro.

Em várias de suas obras, Morin nos apresenta sua visão de ser humano. Nesse livro, devemos pensar como o ser humano interage/relaciona-se com a cultura/ sociedade e como, a partir desta relação, produz/reproduz conhecimentos. Lembrando que Morin situa o Homo *Sapiens-demens* como um ser formado 100% biologicamente e 100% culturalmente, assim também podemos pensar a gênese do conhecimento no indivíduo, que dispõe de condições biocerebrais e socioculturais para produzir idéias, raciocínios, linguagem, concepções e visões de Mundo, etc. Segundo Morin, “[...] um

indivíduo alimenta-se de memória biológica e de memória cultural” (Ibidem, p. 21). Há, portanto, uma interação recursiva, dialógica e hologramática na relação indivíduo-sociedade-cultura². Esclarece Morin: “[...] não podemos esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura” (Ibidem, p. 19). Em alguns exemplos, Morin compara a cultura a um *grande Computador*, este, constituído por vários terminais individuais, que são os espíritos, cérebros dos indivíduos que compõe a cultura do seu tempo. Há, de se pensar, dessa forma, que estamos fadados a aceitar, acomodar e obedecer aos determinismos impostos por essa grande máquina cultural. Até que ponto? Antes de tentar responder, é importante explicar como Morin entende esse “determinismo cultural”.

Se há um determinismo evidente na gênese do conhecimento, este é denominado de *imprinting cultural*³, a marca matricial e incontornável da cultura no ser humano desde o seu nascimento. Segundo Morin, o *imprinting* “[...] nos impõe o que se precisa conhecer, como se deve conhecer, o que não se pode conhecer. Comanda, proíbe, traça os rumos, estabelece os limites [...]” (Ibidem, p. 28) Notamos o *imprinting* também na formulação de Teorias científicas, filosóficas; em concepções políticas, paradigmáticas, axiológicas; em postulados e axiomas, na disseminação dos pré-conceitos, racismos, etc. Os espíritos humanos se envolvem e são envolvidos, influenciam e são influenciados, de maneira complexa são produtores/geradores e reprodutores de cultura e também do *imprinting*.

É importante, nesse momento questionarmos se é possível, depois de todas essas inferências, poder conceber a emancipação intelectual do indivíduo, se o mesmo é determinado pelas condicionantes biológicas e socioculturais? Morin, afirma que sim, segundo o autor: “Mesmo quando é comandado e controlado pelos diversos programas dos quais falamos, o indivíduo dispõe sempre de seu terminal pessoal” (Ibidem, p. 23) isto quer dizer, que o ser humano (sendo uma parte da cultura que o formou), pode romper com os determinismos impostos. Mais uma vez é preciso perguntar como isso é possível? Segundo o autor: “há multiplicação das brechas e rupturas no interior das determinações culturais, possibilidade de ligar a reflexão com o confronto, possibilidade de expressão de uma idéia, mesmo desviante” (Ibidem, p. 23).

Para reforçar esse argumento, o autor nos apresenta uma infinidade de exemplos de indivíduos que romperam com a cultura do seu tempo: Sócrates, Galileu, Rousseau, Marx, Newton, Einstein, Picasso, Heisenberg, etc. Todos esses, foram “desviantes” de

2 Morin, em vários momentos expõe a relação complexa entre indivíduo, sociedade e cultura. Segundo o autor: “A relação entre os espíritos individuais e a cultura não é indistinta, mas, sim, hologramática e recursiva. Hologramática: a cultura está nos espíritos individuais, que estão na cultura. Recursiva: assim como os seres vivos tiram sua possibilidade de vida do seu ecossistema, o qual só existe a partir de inter-retroações entre esses seres vivos, os indivíduos só podem formar e desenvolver o seu conhecimento no seio de uma cultura, a qual só ganha vida a partir das inter-retroações cognitivas entre os indivíduos: as interações cognitivas dos indivíduos regeneram a cultura que as regenera” (Ver em Morin, 2008, p. 24)

3 O termo *imprinting* foi empregado por Konrad Lorentz para explicar a marca incontornável imposta pelas primeiras experiências do jovem animal, como o passarinho que, ao sair do ovo, segue como se fosse sua mãe, o primeiro ser vivo ao seu alcance. Ora, há um *imprinting cultural* que marca os humanos, desde o nascimento, com o selo da cultura, primeiro familiar e depois escolar, prosseguindo na universidade ou na profissão. (Ver em Morin, 2008, p. 29)

suas condicionantes socioculturais e históricas. Nas palavras de Morin, os espíritos desviantes são aqueles que “contra o Tabu e a Censura [...] fingiram concordar com aquilo em que não acreditavam para salvar aquilo em que acreditavam” (Ibidem, p. 37), podemos entendê-los como sujeitos que “não obedeceram ao determinismo cultural, mas surgiram nas brechas abertas, ou que abriram no determinismo” (Ibidem, p. 63). Para romper com os *determinismos*, e estabelecer um tipo de conhecimento que seja autocrítico, criterioso e contextualizado, isto é, aberto em relação às “amarras” do *imprintig*, o autor sugestiona um ponto de vista que seja *auto-trans-meta sociológico*. E pontua, que somente com esse olhar podemos situar o conhecimento:

- 1) [...] histórica, sociológica, cultural e epistemologicamente; 2) reconhecer os seus princípios e critérios de verdade e de erro; 3) enfrentar a complexidade de sua problemática em vez de escamoteá-la na concepção inepta de um determinismo trivial, imposto por uma sociedade trivial a um conhecimento trivial. (MORIN, 2008, p. 116)

Um conhecimento que se quer autônomo e emancipado, pronto para romper com as normalizações e imposições culturais, deve apresentar-se de maneira complexa, isto é, deve ser *auto* (aberto à críticas), *trans* (que ultrapassa os limites teóricos e metodológicos e o rigor científico, que possa estabelecer um diálogo com outros saberes – união do pensamento científico com o humanístico) e também *metassociológico* (que possa ser contextualizado social e culturalmente). Com a proposta de inaugurar um novo paradigma, com a objetividade da ciência e a reflexão/imaginação do conhecimento humanista, Morin irá reforçar suas reflexões na segunda parte dessa obra [...]

SEGUNDA PARTE: A VIDA DAS IDÉIAS (NOOSFERA⁴)

As idéias, linguagens, produtos culturais, teorias, paradigmas, ideologias, etc., ou simplesmente “as coisas do espírito” (como Morin define), possuem vida própria? Se sim, como entender a dinâmica de vida/morte, origem/degradação/degeneração/regeneração das idéias ou sistemas de idéias? Em torno dessas questões, iremos tecer junto com o autor algumas considerações.

Sim, segundo o autor, as “coisas do espírito” possuem vida própria. Podemos entender as “coisas do espírito” como o conjunto de tradições, mitos, ritos, religiões e religiosidades, ideologias, etc., que também podemos chamar de *construções intelectuais* dos indivíduos. Para Morin, “As idéias são dotadas de vida própria porque dispõem, como os vírus, em um meio (cultural/cerebral) favorável, da capacidade de autonutrição e de auto-reprodução” (MORIN, p. 136). As idéias, portanto, transcendem aos indivíduos, pois permanecem, são reforçadas e reproduzidas culturalmente e socialmente. Podemos entender a dinâmica da “vida das idéias”, com um exemplo retirado do passado histórico. Os historiadores helenistas, por muito tempo se perguntam sobre a verdade em torno da Guerra de Tróia. E se estudarmos as fontes de quê dispomos para recuperar esse

4 Esse termo foi forjado por Teilhard de Chardin por volta de 1920, derivado das considerações de Karl Popper sobre a divisão do universo humano em três mundos: 1. O mundo das coisas materiais exteriores. 2) O mundo das experiências vividas. 3) O mundo constituído pelas coisas do espírito, produtos culturais, linguagens, noções, teorias, inclusive os conhecimentos objetivos. (Vide em MORIN, 2008, p. 134)

passado (por volta de 1400 a.C), nos remetemos às obras: *Ilíada* e *Odisséia* de Homero, que foram publicadas quase mil anos depois (por volta de 540 a.C). Estas, transmitidas por bardos profissionais e cantadas por várias gerações. Hoje sabemos que os estudos arqueológicos comprovaram a existência de Tróia e vários tesouros e resquícios desse passado foram encontrados (o famoso “tesouro” do Rei troiano Príamo e também do rei de Micenas Agamenôn pelo arqueólogo alemão Heinrich Schliemann no século XIX da nossa era)⁵. As obras *Ilíada* e *Odisséia* e a vida em torno do imaginário dos bardos gregos que narraram essa história puderam ser comprovados. Vários livros, filmes, poesias, contos, teses, etc., foram produzidos sobre o evento (Guerra de Tróia) e nutriram, de certa forma, a cultura grega antiga, mantendo presente e viva em nosso imaginário. Por isso, o próprio desenvolvimento científico e da *inteligentsia humana* – como Morin emprega esse termo – podem ser alimentadores e reforçadores da noosfera – a dimensão das coisas do espírito. Acrescenta Morin: “Os seres de espírito multiplicam-se [...] via discursos, educação, doutrinação, palavra, escrita, imagem. O poder duplicador/multiplicador da imprensa, do filme, da televisão, aumentou e continua a aumentar o potencial reprodutor dos seres do espírito [...] (Ibidem, p. 154). As idéias, portanto, são portadoras de vida própria⁶.

A noosfera alimenta de substância mental e cultural, assegurando a reprodução, fortalecimento e disseminação de ideologias, doutrinas, postulados científicos, filosóficos, etc. É importante salientarmos que Morin faz, ainda nesse capítulo, um estudo pormenorizado e crítico sobre as principais correntes teóricas que em nosso tempo ainda são orientadoras dos espíritos humanos, destacadamente: O Positivismo (p. 172-175); O Iluminismo (p. 175-177); O marxismo (p. 177-181 e 188-191); e a Teoria sobre o Estado-Nação (p. 182-183). E ainda uma reflexão dialógica para demonstrar como todas essas teorias ainda são alimentadas pelos espíritos humanos. A análise sobre essas correntes teóricas são fundamentais para entender as propostas do autor para o próximo capítulo. Nessa resenha, é uma pena, não podemos oferecer mais do quê um estímulo aos leitores a leitura dessa obra [...]

TERCEIRA PARTE: A ORGANIZAÇÃO DAS IDÉIAS (NOOLOGIA)

Como é possível pensar a organização das idéias? A resposta é pensada e transmitida no início desse capítulo [...] Por intermédio da *Linguagem* [...] É o que estudaremos nessa terceira parte da obra.

A organização ou sistematização das idéias inicia-se com a *Linguagem*. Segundo Morin: “[...] a linguagem humana exprime, constata, transmite, argumenta, dissimula, proclama, prescreve [...] Consustancial à organização de toda a sociedade, participa necessariamente da constituição e da vida na noosfera” (MORIN, p. 197). É a partir da *Linguagem* que estabelecemos os nossos vínculos com a cultura de nosso tempo. A linguagem, na concepção de Morin deve ser pensada em seu sentido

5 Ver estudos de Pierre Vidal-Naquet no livro: “O mundo de Homero”. Cia das Letras, 2005.

6 Vivemos, vale lembrar, em um universo de signos, símbolos, mensagens, figurações, imagens, idéias, que nos designam coisas, situações, fenômenos, problemas, mas que, por isso mesmo, são os mediadores necessários nas relações dos homens entre si, com a sociedade, com o mundo. Nesse sentido, a noosfera está presente em toda a visão, concepção, transação entre cada sujeito com o mundo exterior, com os outros sujeitos humanos e, enfim, consigo mesmo (MORIN, 2008, p. 140)

hologramático, pois sendo parte integrante da cultura que a forma, deve ser concebida ao mesmo tempo como autônoma e dependente. Para ele: “A linguagem depende das interações entre indivíduos, os quais dependem dela para emergir enquanto espíritos [...]” (Ibidem, p. 199)

Outro elemento constitutivo de nossa cultura que pode ser incluído para se pensar a organização da idéias é a *Racionalidade* e a *Lógica*. Para Morin as teorias racionais são sistemas de idéias coerentes, pois dependem de mecanismos lógicos de indução e dedução, cujos enunciados são obedientes ao princípio de não-contradição. Sabe-se que a razão científica dispõe de mecanismos rigorosos e criteriosos para sua não-falibilidade; seus postulados e axiomas obedecem à aplicação de métodos de análise e a demonstração de seus resultados devem ser encadeados com uma proposta teórica que sirva de referência em sua elaboração.

É importante ressaltarmos que há uma “brecha insuperável”, ou contradição nos fundamentos da razão científica. A superespecialização do conhecimento é uma marca dessa “brecha”. O conhecimento científico, herdeiro do paradigma cartesiano⁷: “produziu um pensamento redutor ocultando as solidariedades, inter-retroações, sistemas, organizações, emergências, totalidades e suscitou conceitos unidimensionais, fragmentados e mutilados do real” (Ibidem, p. 232). Por isso, em seus princípios, a racionalidade científica também pode alimentar e comportar os “erros e cegueiras” do conhecimento, como tratados no capítulo anterior.

Exemplo claro desses “erros e cegueiras” do conhecimento científico é não dispor de mecanismos que possibilitem o reconhecimento da Incerteza em suas verdades. O princípio da incerteza foi herdado da física quântica. Werner Heisenberg, um dos fundadores da mecânica quântica, desconstruiu a noção de certeza absoluta na física, quando comprovou que o átomo pode se comportar como átomo, mas também como partícula. É a idéia de falibilidade lógica, o que concedeu-lhe um prêmio Nobel. Morin em seus estudos a respeito da teoria dos sistemas, da informação e da cibernética (que tecidas em conjunto originou a Teoria da Complexidade), utilizou o mesmo princípio. A Teoria da Complexidade é herdeira do princípio da incerteza no conhecimento científico. O “acaso” e a “incerteza”, portanto, configuram categorias importantes dessa teoria e devem ser pensadas como elementos que inauguram um novo olhar sobre os rumos da ciência no contexto do século XXI: A Complexidade.

A expressão “complexidade” pode soar como complicada, intrincada ou até mesmo difícil. Morin não emprega este termo nesta conotação; ele emprega no sentido originário do latim *complexus* que é entendido como aquilo que é tecido em conjunto. Isto é, há na realidade como um todo e, também no acontecer histórico, um tecido interdependente, antagônico e ao mesmo tempo complementar. Tudo aí, na composição da realidade, está relacionado com tudo como numa grande trama. Assim, estão relacionados entre si o todo e as partes, as partes e o todo, as partes entre si e as relações das partes entre si com o todo.

7 A concepção de mundo da ciência clássica baseia-se, realmente, em dois postulados racionalizadores: 1) a coincidência entre a inteligibilidade lógico-matemática e as estruturas da realidade objetiva; 2) o princípio da razão suficiente, que dá tudo o que é uma razão de existir [...] Assim, o paradigma da ciência clássica controlou (e ainda controla em grande parte) não apenas toda teoria clássica, mas também a lógica, a epistemológica e a visão do mundo (Ver em MORIN, 2008, p. 276 e 277)

Seus alicerces, critérios metodológicos, fundamentações teóricas e postulados epistemológicos serão melhor elucidados na continuação dessa obra [...] No método 5: a humanidade da humanidade.